

# REFLEXÕES ACERCA DOS NEOLOGISMOS PRESENTES NA REVISTA VEJA E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEXICAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Wilian Sousa dos Reis* (UEMASUL)

[wiliandosreis@outlook.com](mailto:wiliandosreis@outlook.com)

*Beatriz Cabral Farias* (UEMASUL)

[beatrizcabralf@gmail.com](mailto:beatrizcabralf@gmail.com)

*Márcia Suany Dias Cavalcante* (UEMASUL)

[marciasuany@uemasul.edu.br](mailto:marciasuany@uemasul.edu.br)

## RESUMO

Este trabalho investiga a produtividade lexical dos textos constituintes da Revista *Veja* e, como objetivo central, busca abordar a relevância dos neologismos para o desenvolvimento da competência lexical na Educação Básica. Trata-se de um estudo de natureza descritiva, com uso de pesquisa bibliográfica e documental, sendo que foram exploradas três edições do periódico referentes ao ano de 2019. Os resultados foram obtidos a partir de uma análise quantitativa – norteada pelos tipos de neologia e de processos de formação de palavras –, seguida da análise qualitativa. Para tal, houve etapas de seleção, categorização e sistematização dos neologismos identificados no *corpus*, além da discussão dos dados. Como resultado, foi possível observar a relevância dos textos jornalísticos para o estudo do léxico e, também, da neologia enquanto fatores determinantes para o desenvolvimento da competência lexical. Constatou-se, ainda, uma relação de complementaridade entre o que é disposto nos documentos oficiais e o que é apresentado por algumas teorias direcionadas ao estudo/ensino da língua portuguesa.

### Palavras-chave:

Neologismos. Competência lexical. Formação de palavras.

## ABSTRACT

This work investigates the lexical productivity of the texts of *Revista Veja* and, as a central objective, it seeks to address the relevance of neologisms for the development of lexical competence in Basic Education. This is a descriptive study, using bibliographic and documentary research, and three editions of the journal referring to the year 2019 were explored. The results were obtained from a quantitative analysis – guided by the types of neology and word formation processes –, followed by a qualitative analysis. For this, there were stages of selection, categorization and systematization of the neologisms identified in the corpus, in addition to the discussion of data. As a result, it was possible to observe the relevance of journalistic texts for the study of the lexicon and, also, of neology as determining factors for the development of lexical competence. There was also a complementary relationship between what is presented in official documents and what is presented by some theories aimed at the study/teaching of the Portuguese language.

**Keywords:**  
**Neologisms. Lexical competence. Word formation.**

## **1. Introdução**

As novas situações sociais estimulam o surgimento de necessidades de expressão na língua, também novas. O léxico, nesse sentido, apresenta-se como o espaço da língua em que pode ser observada maior abertura às mudanças.

É denominado de neologia o processo de renovação do léxico, no qual novos termos que não faziam parte da língua são criados, ou a termos já existentes são atribuídos novos significados. O processo neológico é evidenciado, principalmente, nos meios de comunicação, espaço em que a língua é disseminada em seu contexto atual, com objetivos comunicativos diversificados e, por isso, em que podem ser encontrados o resultado de tal processo: os neologismos.

Sabe-se que refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa também pressupõe uma reflexão acerca das competências que esse ensino visa desenvolver. Assim, tem-se que a relevância desta pesquisa está na possibilidade de contribuir, de modo efetivo, para o ensino de Língua Portuguesa mediante uma investigação e reflexão sobre a competência lexical e sua relação com a expansão do léxico da língua, especialmente no que diz respeito à neologia.

No que tange à produtividade lexical, o *corpus* selecionado para a realização deste estudo contou com três edições do periódico semanal Revista Veja, correspondentes ao início do segundo semestre do ano de 2019: edição 2642, nº 28 (10/07/2019) – Justiça com as próprias mãos; edição 2643, nº 29 (17/07/2019) – Livrai-nos do mal; e edição 2644, nº 30 (24/07/2019) – A ameaça é real.

A escolha do *corpus* levou em conta alguns critérios fundamentais, como a relevância social e a adequação dos textos (gêneros textuais da esfera jornalística) para o ensino de Língua Portuguesa. Além disso, foram valorizadas a capacidade de refletir o estado atual da língua na sociedade em que está inserida, bem como a propriedade de divulgação de informações novas.

Esta pesquisa foi desenvolvida, também, com base nos seguintes objetivos específicos: a) selecionar os neologismos presentes no corpo da Revista Veja; b) realizar a análise morfológica/mórfica/semântica dos

neologismos selecionados; c) avaliar a produtividade lexical decorrente da seleção dos neologismos; d) relacionar o processo neológico e a competência lexical, discutindo o valor da produtividade lexical.

Para o alcance de tais objetivos, o presente trabalho baseou-se, sobretudo, na utilização das pesquisas de caráter descritivo, bibliográfico e documental, assim como na análise qualitativa e quantitativa dos dados levantados. Quanto à fundamentação teórica, este trabalho de pesquisa foi realizado a partir dos pressupostos defendidos por autores como Alves (1984, 2007), Kehdi (1992), Basilio (2004, 2017), Carvalho (2000), Ferraz (2008), Henriques (2008), Souza-e-Silva e Koch (2011), Correia e Almeida (2012), Ribeiro (2012) e outros.

## 2. *O léxico da língua*

Por léxico, em geral, entende-se o “conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 15). Assim, tem-se que o léxico engloba a totalidade de palavras que constituem a língua, sendo, assim, um elemento extremamente vasto, imensurável e complexo.

Outra característica relacionada ao léxico é seu condicionamento às realidades sociais, históricas e culturais que envolvem dada comunidade linguística. Essa abordagem do léxico da língua permite considerá-lo, necessariamente, em seu caráter de coletividade, em oposição ao que seria *o léxico de cada um*. Portanto, o léxico

[...] é constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas. (FERRAZ, 2008, p. 147)

Em conformidade, Silva (2000, p. 142) elege o léxico como um ponto fundamental na relação do usuário da língua “com a realidade do mundo bio-social que o acolhe: o homem e o mundo encontram-se no signo”. Destarte, o léxico funciona como um conjunto de elementos (os signos) em qual o homem se embasa para representar e compreender o mundo, situando-se em determinada realidade. Oliveira (2012, p. 78) aponta o fato de esse nível da língua ser o mais passível de influências

ligadas a fatores externos, acrescentando que, por esse motivo, o léxico funciona como reflexo da sociedade e se desenvolve trazendo consigo traços das transformações sociais.

### 3. *Considerações sobre o ensino de língua portuguesa: a competência lexical*

A partir da década de 1980, passou-se a pensar o ensino de Língua Portuguesa sob uma perspectiva pautada nas práticas sociais que envolvam os alunos (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 77). Nas últimas décadas, essa tendência, que também visa à reflexão sobre os usos da língua, evidencia-se nos documentos que regulam e orientam o ensino no Brasil, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN, 1998)<sup>1</sup>, das Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2002) e, mais recentemente, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>2</sup>, publicada no ano de 2018.

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa, de modo geral, está voltado para o desenvolvimento de competências essenciais relacionadas ao uso da língua, bem como das múltiplas linguagens que lhe servem de meio. As Orientações Educacionais Complementares aos PCN do Ensino Médio entendem por competência “a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações” (NOVA ESCOLA, 2000 *apud* BRASIL, 2002, p. 30).

Sobre as competências e habilidades em Língua Portuguesa, as citadas Orientações Educacionais Complementares aos PCN do Ensino Médio afirmam que “o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara (...)” (BRASIL, 2002, p.

---

<sup>1</sup>BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

<sup>2</sup>BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília: MEC/SEB/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em 14 out. 2019.

53). Esse objetivo geral converge com as concepções de língua e linguagem apresentadas pelo documento, que se voltam para as práticas sociais ou contextos nos quais a língua está inserida.

Nos estudos gramaticais com ênfase no léxico, são traduzidas, em parte das competências, duas vertentes relativas ao ensino de Língua Portuguesa. Henriques (2008, p. 106) diz que “a perspectiva interna [da língua] nos leva a considerar que só é possível escolher os elementos com que se constroem as sentenças a partir do léxico. E a (...) externa nos obriga a examinar como se podem combinar essas proposições no discurso”. Dessa forma, tem-se que o estudo/ensino do léxico se dá por meio de fatores internos ou externos.

Com base em levantamento das competências previstas nos documentos citados, é possível fazer uma breve consideração a respeito do lugar ocupado pelo estudo do léxico nas competências e habilidades apresentadas. Inicialmente, verifica-se que é abordado em poucos pontos, de maneira direta. Assim, o ensino desse elemento da língua não é tratado de forma explícita nos textos oficiais, estando, frequentemente, subjacente a outros conteúdos.

Quanto ao desenvolvimento da competência lexical, os documentos reiteram, notadamente, a relevância dos aspectos semânticos e dos contextos de produção e recepção dos textos. Pouco tratam, portanto, de outros pontos essenciais como o estudo dos padrões morfossintáticos que incidem sobre as palavras, isto é, sobre o léxico. Por essa razão, a compreensão do estudo do léxico, por parte do professor, pode seguir um viés de superficialidade e inadequação, percepção essa que pode gerar implicações no desenvolvimento da competência lexical.

Para Basílio (2017, p. 90), a competência lexical diz respeito ao “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Sandmann (1991, p. 23), por sua vez, aponta para uma divisão da competência lexical em dois momentos específicos. O primeiro corresponde à “análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas”. O segundo momento está relacionado à “formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição”.

Os apontamentos feitos por Basílio (2017) e Sandmann (1991) destacam, de modo específico, os fatores propriamente linguísticos. A referência a “relações lexicais”, “processos de formação” e “modelos ou

regras que a gramática da língua põe à disposição” evidencia que o estudo das propriedades internas da língua possui papel fundamental para o desenvolvimento da competência lexical.

Essa abordagem deve ser vista como complementação indispensável às orientações previstas nos documentos voltados para o ensino, já discutidos, visto que eles, ao darem maior espaço para outras questões, tratam com vagueza as propriamente relacionadas ao léxico. Além disso, Sandmann (1991) assume que a criação e compreensão de novos elementos que compõem o léxico dependem dos fatores internos da língua, ou seja, sua gramática.

Além do já citado, a competência lexical se realiza, também, pela “capacidade de formar novas palavras e de reconhecer neologismos lexicais” (FERRAZ, 2008, p. 150-151). Esse entendimento traduz a concepção de que o processo de renovação da língua deve fazer parte dos estudos concernentes à competência lexical. Dentro do contexto maior do ensino, com base nos pensamentos apresentados, pode-se notar a relevância dessa competência como eixo fundamental, com vistas a que os indivíduos sejam capazes de lidar com as situações comunicativas de modo satisfatório, objetivo central do ensino de língua portuguesa.

#### **4. *Produtividade e inovação lexical***

É corrente, na sociedade, a visão de que a língua sempre funciona como expressão do mundo atual, além de operar como um registro dos fatos e ideias passados. Acerca desse posicionamento, Coseriu (1980, p. 125 *apud* SILVA, 2000, p. 142) observa que ela “não é apenas aquilo que está feito por meio da sua técnica, mas também é aquilo que, mediante essa mesma técnica, se pode fazer; não é só passado e presente, mas possui uma dimensão de futuro”.

Nesse sentido, o estudioso traz à baila uma nova margem de alcance da língua, que destaca a possibilidade de se explorar os recursos de que ela dispõe, visando a uma construção futura. A língua, pois, deve ser entendida como receptiva à inovação.

Por inovação, Ribeiro (2012, p. 330) entende “tudo aquilo que se afasta dos modelos existentes na língua”, ou seja, um desvio frente aos paradigmas linguísticos, especialmente os gramaticais. Em conformidade, Correia e Almeida (2012, p. 15) explicitam que “a mudança afeta todos os componentes do conhecimento linguístico (fonológico, morfo-

lógico, sintático, semântico e pragmático), [e] (...) essa mudança [também] é fundamentalmente visível ao nível do léxico”. Diante disso, torna-se a evidenciar a ideia já apresentada sobre o universo lexical como espaço mais aberto da língua, no qual, portanto, o fator inovação possui maior amplitude em relação aos demais níveis.

Para a inovação lexical, os usuários da língua se valem, principalmente, da “reciclagem (...) do material lexical já existente, isto é, a formação de palavras novas (...) resulta do aproveitamento de fragmentos de material lexical, reconhecido por padrões gerais de estruturação, em novas construções” (FERRAZ, 2008, p. 146).

Esse mecanismo de expansão do léxico utiliza-se de “processos interiorizados, aplicados normalmente de modo inconsciente e sistemático” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 19), para a criação de palavras. Correia e Almeida (2012) assinalam, ainda, que a essa faculdade de “autoalimentação”, intrínseca ao sistema linguístico e executada naturalmente pelos falantes, atribui-se a denominação de produtividade lexical.

## 5. A neologia

Há, na língua, uma dinâmica permanente que se orienta em favor da renovação lexical. Esse processo é denominado de neologia, “forma de modificação constante e regular, ‘prevista’ pelo sistema linguístico”, que consiste, basicamente, na “criação de novos termos” (CARVALHO, 2000, p. 192, grifo da autora).

Além da ideia propriamente de criação formal, a neologia abrange, também, a atribuição de novos significados para formas pré-existentes na língua (RIBEIRO, 2012, p. 331). Os itens que resultam desse processo de criação, seja pela formação de uma nova palavra ou pela atribuição de um novo significado, recebem o nome de neologismos.

A criação dos neologismos está relacionada às demandas socioeconômicas e culturais da língua, lançando mão de mecanismos próprios – processos autóctones ou empréstimos – para a formação da palavra nova (RIBEIRO, 2012, p. 331). Assim, além da criação lexical a partir de processos e elementos de formação da própria língua, observa-se que a neologia também se dá por meio do empréstimo linguístico.

Com base em finalidades de criação lexical, Correia *et al.* (2004, p. 472) classificam a neologia em dois tipos: **neologia denominativa** e

**neologia estilística.** A primeira corresponde à ideia de representação objetiva das novas realidades que passam a compor a sociedade, incluindo-se as necessidades gerais de comunicação que emergem das situações cotidianas vivenciadas pelos falantes da língua. A outra, por seu turno, nasce a partir de demandas mais específicas, ligadas a contextos com propósitos discursivos delineados por esferas mais restritas da comunicação, como o jornalismo e a literatura.

Sob outro ângulo de análise, ao se levar em consideração critérios baseados em aspectos formais e semânticos, a neologia pode seguir um parâmetro de classificação diferente. Essa proposta de estudo dos neologismos centra-se em fatores internos da língua, apresentando, além disso, um quadro de análise mais segmentado e mais voltado para a estrutura da língua:

*formal*: neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito; *semântica*: neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico; *por empréstimo*: neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro. (ALVES, 1984, p. 119, grifos da autora)

No caso da neologia por empréstimo, Biderman (2001, p. 208, 210) classifica os neologismos resultantes em três tipos distintos: **decalque** – “uma versão literal do lexema modelo na língua originária”, isto é, uma tradução para a língua receptora; **adaptação parcial** – pequeno ajuste “da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira”; e, por último, a “incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais”. A esta terceira classe de neologismo por empréstimo Biderman (2001) não oferece uma denominação específica, ao passo que Carvalho (2000, p. 196) utiliza o termo **xenismo**.

Acrescenta-se, ainda, a influência direta do nível fonológico da língua na definição de mais uma classe de neologia. Inicialmente, aponta-se a criação neológica *ex nihilo*, a qual, “(...) com base em radicais inéditos, é extremamente rara (...), por dificultar a compreensão do significado da unidade lexical<sup>3</sup> assim criada” (ALVES, 2007, p. 80). Esse

---

<sup>3</sup> Correia e Almeida (2012, p. 12) definem *unidade lexical* como “uma forma, um **significante** [...], ao qual associamos, de forma estável, um **padrão flexional**, uma **categoria morfossintática** e um **significado** ou conjunto de significados relacionados”. Para as autoras, há “unidades lexicais de dimensão superior à palavra gráfica – **compostos sintáticos** e **locuções**, que podem ser preposicionais, conjuncionais, pronominais e adverbais” (grifos das autoras).

caso de **neologiafonológica** se realiza arbitrariamente, visto que não toma nenhum referente para a criação lexical. Além disso, a entrada de “onomatopéias [no léxico] (...) revela também as relações entre a criação neológica e o nível fonológico” (ALVES, 2007, p. 80).

Acerca do processo em que se desenvolvem as etapas até a consolidação do neologismo na língua, Ferraz (2008, p. 154) observa que há: “a) a fase inicial (...), quando o neologismo está sendo criado; b) a fase que (...) se refere à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade (...); c) a fase em que começa o processo de desneologização”. A criação neológica é a inovação que inicia o processo de mudança linguística. A adoção, por sua vez, depende de como a comunidade linguística irá lidar com o neologismo criado, sendo possível ocorrer justamente o oposto: uma rejeição. Por fim, a mudança linguística se dará, ou não, com a entrada da palavra nova no léxico da língua, o que é chamado de desneologização.

## **6. Processos de formação de palavras**

Os processos de formação de palavras são intrínsecos à constituição e desenvolvimento de todas as línguas. A formação de palavras na língua portuguesa, como mencionado anteriormente, realiza-se por meio da utilização de processos autóctones. Tais processos são vistos como paradigmáticos, uma vez que funcionam como modelos estabelecidos e bem delineados na formação da língua.

No português, a formação de palavras ocorre, basicamente, por meio de dois processos gerais: a **derivação** e a **composição**. De acordo com Basilio (2004, p. 27), trata-se de processos profundamente diferentes entre si, mas que se tornam complementares no que se refere à função de formar palavras para suprir as necessidades comunicativas dos indivíduos.

Por derivação, entende-se o processo em que há um vocábulo, constituído por apenas um radical, ao qual juntam-se os afixos – prefixos e sufixos (KEHDI, 1992, p. 7). Desse modo, é possível verificar que a estrutura das formas derivadas possui um padrão em que se organizam: base + afixo, podendo realizar-se em prefixo + base ou em base + sufixo (BASILIO, 2004, p. 26). A partir dessas definições, tem-se a ideia de derivação **prefixal** e **sufixal** que, de acordo com a disposição dos afixos em relação à base, classifica-se da seguinte forma:

- a) *prefixal*: acréscimo de sufixos ao morfema lexical: *reter*, *ilegal*, *subtente*, *compor*;
- b) *sufixal*: acréscimo de sufixos ao morfema lexical: *saboroso*, *ponteira*, *grandalhão*, *barbaça*, *vozinha*, *toquinho*;
- c) *prefixal e sufixal*: acréscimo tanto de prefixos como de sufixos ao morfema lexical: *deslealdade*, *infelizmente*;
- d) *parassintética*: acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao morfema lexical: *entardecer*, *esfarelar* (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011, p. 52, grifos das autoras).

Há, no entanto, além dessa formação configurada por meio da adição de afixos, o que Correia e Almeida (2012, p. 38) apresentam como derivação não afixal. Essa classificação compreende mais dois tipos distintos de derivação: **regressiva** e **imprópria**.

O primeiro caso “caracteriza-se pelo fato de, em vez de se juntar um afixo a uma base, se retira um segmento de uma base”, o que leva a “um processo de nominalização deverbal, isto é, as bases de derivação regressiva são sempre verbos e os seus produtos são sempre nomes de ação (...)” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 44). Quanto à derivação imprópria, comumente denominada de conversão, Kehdi (1992, p. 29) explica que “um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente, sem alterações formais”.

Quanto à composição, entende-se que há “a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos, não há funções predeterminadas no nível dos elementos” (BASILIO, 2004, p. 29). A formação das unidades lexicais, nesse processo, ocorre **por justaposição** ou **por aglutinação**.

A primeira categoria implica a junção dos termos, havendo a preservação integral de suas formas e a utilização, ou não, do hífen (KEHDI, 1992, p. 36). Já na composição por aglutinação, a fusão resulta em um “todo fonético”, com um único acento tônico e, necessariamente, alteração de elementos fonéticos de uma ou outra palavra (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011, p. 54).

Além da derivação e da composição, fazem parte da formação de palavras na língua portuguesa outros processos menos produtivos. São eles: a siglagem e a acronímia, o truncamento, o cruzamento vocabular, a reduplicação, o hibridismo e a formação sintagmática.

A **siglagem**, para Kehdi (1992, p. 51), “trata-se de um processo moderno e generalizado, em que longos títulos ficam reduzidos às letras iniciais das palavras que os constituem: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (...)”. Já a **acronímia** consiste na formação de um

acrônimo, “unidade lexical formada de letras ou grupos de letras (...) que tem a estrutura silábica própria da língua onde se forma. Ex.: (...) *Abralin* (*Associação Brasileira de Linguística*)” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 58-59, grifos das autoras).

O **truncamento**, truncção ou abreviação vocabular realiza-se pela redução de uma palavra, tornando-a mais acessível para fins de utilização e memorização, como é possível verificar em *metrô – metropolitano* e em *otorrino – otorrinolaringologista* (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 57, grifos das autoras).

Outro processo de formação de palavras é o **cruzamento vocabular**, que ocorre pela combinação de partes de dois termos para a formação de outra unidade lexical: *português + espanhol*, que resulta em *portunhol*; *aborrecimento + adolescente*, que implica em *aborrescente* (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 57, grifos das autoras).

A **reduplicação**, também conhecida como duplicação silábica ou redobro, “consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo” (KEHDI, 1992, p. 50). O **hibridismo**, por sua vez, é um processo que se caracteriza pela junção de elementos provenientes de línguas diferentes como *autoclave* (grego + latim) e *sociologia* (latim + grego) (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011, p. 57, grifos das autoras).

Há, além dos processos mencionados, a **formação sintagmática**, que “é produzida por uma seqüência lexical, cuja união dos membros é de natureza sintática e semântica, de forma a constituírem, com certo grau de fixidez, uma única unidade lexical” (FERRAZ, 2008, p. 159). De acordo com a autora, as formações sintagmáticas encontram-se em processo de lexicalização e, por esse motivo, não apresentam hífen em sua composição, mantendo uma ordem fixa na organização de seus elementos: “determinado seguido de determinante”; a exemplo disso, tem-se “vidro elétrico” (FERRAZ, 2008, p. 159).

O conhecimento acerca dos processos de formação de palavras serviu à etapa final deste trabalho de pesquisa, que é a análise de dados. Antes, porém, é imprescindível explicitar quais os meios metodológicos que nortearam o estudo com relação especificamente à análise.

## 7. Procedimentos para análise de dados

Para a análise dos neologismos presentes em dado *corpus*, é necessário estabelecer e executar alguns procedimentos: a) leitura dos textos que constituem o *corpus* e extração manual dos candidatos a neologismo; b) consulta ao *corpus* de exclusão, a fim de confirmar que os itens selecionados não são registrados em dicionário; c) registro dos neologismos confirmados em um quadro descritivo; d) análise morfológica/mórfica e semântica dos neologismos; e) sistematização dos dados; f) discussão dos dados.

No primeiro passo, importa considerar o **critério psicológico**, que leva em conta o “sentimento de novidade” do usuário da língua para com os neologismos (GUILBERT, 1975 *apud* CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22) e “(...) implica em o falante perceber (...) se a unidade lexical é realmente nova (...)” (SANTOS, 2017, p. 51). Portanto, identificar o que dada comunidade linguística percebe como novo significa reconhecer os neologismos presentes nos textos que medeiam sua comunicação.

Santos (2017, p. 52) problematiza o critério psicológico, dada a sua subjetividade inerente. No presente trabalho de pesquisa, não obstante o entrave apontado pelo autor, este foi o procedimento orientador para a extração manual dos candidatos a neologismo.

Pelas razões apontadas, “(...) um critério dessa natureza [psicológica] não é suficiente para sustentar um trabalho crível do ponto de vista científico” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22). Dessa forma, deve ser compreendida a inclusão de um critério de “correção” ao primeiro: o **critério de exclusão lexicográfico**.

Esse segundo critério tem sido “o parâmetro mais adotado para a consideração do caráter inovador dessas palavras, (...) constituído por um conjunto de dicionários que atua como filtro para a determinação, ou não, do caráter neológico (...)” (ALVES, 2007, p. 78). Assim sendo, foi considerada neologismo a unidade lexical não registrada em nenhum dos dicionários *corpus* de exclusão. Validada a pertinência desse critério, as unidades selecionadas puderam inclusive ser descartadas, caso se procedesse a sua identificação como “falso” neologismo.

Neste trabalho, foram utilizados como *corpus* de exclusão: o *Dicionário da Língua Portuguesa*<sup>4</sup> (em versão de aplicativo para celular, da Porto Editora), o *Michaelis On-line*<sup>5</sup> (Editora Melhoramentos) e o *Dicionário On-line Caldas Aulete*<sup>6</sup> (Lexikon Editora Digital). Os três dicionários eletrônicos constituem-se como ferramentas relevantes, ao passo que são atualizados com mais frequência do que os dicionários impressos, o que interessa muito aos objetivos desta pesquisa.

Conforme Alves (2007, p. 77), no estudo do léxico, o objeto de análise deve ser a unidade lexical<sup>7</sup>. Assim, em acordo com Correia e Almeida (2012, p. 12), o estudo da neologia não pode se reduzir à palavra gráfica, mas deve incluir compostos sintáticos e locuções. Dessa forma, eventualmente, foram selecionados compostos sintagmáticos que se caracterizem como unidade lexical.

Por fim, informa-se que este trabalho de pesquisa não incluirá o estudo analítico da neologia semântica. Ainda que seja objeto de estudo de inegável relevância, a pesquisa sobre essa espécie de neologia apresenta certo obstáculo metodológico. Carvalho (2000, p. 195) explica que, muitas vezes, a detecção do neologismo conceitual não é uma tarefa fácil. Dessa forma, como não se tem o aprofundamento dos fenômenos semânticos incluídos entre os objetivos do presente trabalho de pesquisa, a alternativa mais adequada é excluir a neologia conceitual, para que não se caia em um estudo demasiadamente superficial.

## 8. *Análise e discussão dos dados*

Sob a orientação do critério psicológico, seguido do critério lexicográfico, foram selecionados e analisados **115 neologismos** dispostos nas 308 páginas que formam as três edições da Revista Veja, *corpus* desta pesquisa. Esse grande número de formas neológicas permite atestar que o veículo de comunicação, por meio de seus textos, é, notadamente, **muito produtivo** no que diz respeito à criação lexical – seja essa criação

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.portoeditora.pt/apps/app-dpl>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

<sup>7</sup> Ver nota de rodapé 3.

protagonizada pelos jornalistas, seja tomada de empréstimo de outros indivíduos da sociedade.

Quanto à classificação dos neologismos encontrados, de acordo com a tipificação neológica sugerida por Guilbert (1975 *apud* FERRAZ, 2008, p. 153), voltada para a finalidade da criação lexical, a **neologia denominativa** se destaca de maneira muito expressiva em relação à estilística (88,7% e 11,3%, respectivamente). Isso se dá ainda que os textos analisados pertençam ao domínio jornalístico, campo no qual a liberdade criativa permite utilizar largamente neologismos estilísticos.

Em outra perspectiva, quanto à categorização dos neologismos com base em seu aspecto formal, conforme Alves (1984, 2007) e Biderman (2001), sobressaem-se as **neologias formal** (56,3%) e **por empréstimo** do tipo **xenismo** (38,7%). A análise não identificou nenhum neologismo por empréstimo do tipo decalque. O destaque conferido à neologia formal permite inferir a grande quantidade de unidades lexicais criadas a partir de processos autóctones da língua portuguesa – foram 68 neologismos (59,1%) que se utilizaram de algum processo de formação.

A partir dos resultados apontados, no que respeita aos tipos de processos de formação requeridos pelas formas neológicas selecionadas, predomina a **composição por justaposição** (43%), seguida da **derivação prefixal** (16,7%) e da **sufixal** (15,3%). Os processos de derivação prefixal e sufixal, derivação parassintética, derivação regressiva, composição por aglutinação, acronímia, reduplicação e hibridismo não produziram nenhum neologismo nesta pesquisa.

Além disso, há, ainda, algumas questões sobre os neologismos selecionados, neste trabalho, que devem ser sublinhadas. Primeiramente, essas criações lexicais tendem a abranger determinadas temáticas, portanto, **campos semânticos**. Destaca-se a **política**, especialmente a nacional, por ser uma das matérias de trabalho principais da Revista Veja, como também um campo de mudanças muito rápidas e que interessam à população como um todo. Alguns dos neologismos que se relacionam com esse assunto são: pai-presidente, “eprocar”, prestigiômetro, “direita-raiz”, “isentões”, “zelite”, operador de propinas, *kolotumba*, chavista, pró-regime, bolsonarista, candidato-comédia e “primeira-mãe”.

Outro tema central percebido nos neologismos é a **tecnologia**, principalmente relacionada à *internet*. Por ser uma das áreas em que as inovações ocorrem com maior velocidade, naturalmente também é uma das áreas que mais produzem neologismos, contribuindo, efetivamente,

para mudanças no léxico. Entre os neologismos selecionados que se vinculam ao mundo da tecnologia/*internet*, pode-se enumerar: autodirigíveis, *fake news*, dar *match*, *pendrive*, “*cam girl*”, ultravelocidade, rede social, *trending topics*, *frames*, *youtuber*, *haters*, depressão digital, *likes*, *machine learning*, *data center*, *tuítee spoofing*.

Por fim, em relação aos assuntos mais recorrentes, cita-se o **meio empresarial**. O grande número de formas neológicas originadas desse ramo é explicado pela natureza dos anúncios publicitários que a revista veicula, bem como a partir da menção a determinados termos, bem específicos da área, em textos de outros temas de algum modo relacionados. Os neologismos *soft skills*, *Lifelong learning*, *intraempreendedor*, *startups*, *compliance*, *data center*, *cases*, *COO* e *Mindset* se encaixam no tema.

Quanto aos fatores linguísticos, pode-se apontar a presença de muitos **neologismos por empréstimo** (40,4% dos neologismos selecionados), principalmente os que são empregados sem nenhuma alteração em relação à língua original (**xenismos**). Salienta-se o emprego de unidades lexicais que apresentam correspondentes na língua portuguesa, mas que, ainda assim, foram as escolhidas na produção dos textos. A formação sintagmática *digital influencer*, por exemplo, poderia ser substituída por “*influenciador digital*”, mas, por algum motivo, a forma original da expressão foi preservada. O mesmo acontece com *tartare*, do francês, cuja forma aportuguesada é *tartar*.

Outra marca linguística recorrente entre as unidades lexicais analisadas é a **grande produtividade apontada por determinados formantes** (GUILBERT, 1975 *apud* FERRAZ, 2008, p. 154). As palavras autodirigíveis, *ex-galã*, *auto-diagnóstico*, *autointitulei*, *ex-mandachuva*, *pós-briga*, *pró-regime*, *ecoextremista*, *ecorradicais*, *ecoterroristas* e *anti-bullying*, por exemplo, são formadas pelo acréscimo de elementos que, atualmente, qualificam-se como potenciais geradores de neologismos: os prefixos “*ex*”, “*pós*”, “*pró*” e “*eco*”; e os elementos de composição “*auto*” e “*anti*”. Isso significa que o conhecimento acerca do funcionamento desses elementos tem grande relevância para a compreensão do processo de renovação lexical.

## 9. Considerações finais

Este trabalho de pesquisa descreveu de que modo os documentos reguladores da educação básica abordam o ensino/estudo do léxico. Também, buscou compreender o que os pesquisadores do assunto têm a dizer sobre o que se espera do professor e do aluno para que haja um desenvolvimento satisfatório da competência lexical, uma entre as várias competências da língua.

Nesse sentido, entende-se que o estudo da neologia, processo central do mecanismo de renovação lexical, é relevante, visto que incide sobre o nível mais vulnerável a mudanças linguísticas de ordem externa, que é o léxico – o qual, por seu turno, é o principal objeto de estudo para a competência lexical. Não obstante a importância dos contextos de criação lexical no estudo do neologismo, às características propriamente linguísticas não se deve atribuir menor valor, pois as pesquisas acerca da competência lexical defendem a análise de elementos linguísticos como processos de formação de palavras e relações sintáticas, o que não pode ficar apenas como conteúdo subjacente a outros.

Em acréscimo, esta pesquisa permitiu atestar a relevância que textos jornalísticos têm quanto ao estudo do léxico da língua, notadamente no aspecto da criação lexical, a partir das variadas formas de neologia. Confirmada a alta produtividade que essa esfera textual inscreve na sociedade, cabe a reflexão acerca da inclusão de periódicos similares ou mesmo outros suportes que também mereçam atenção nesse sentido.

Por fim, traz-se a reflexão sobre as possibilidades de estudos que possam ser complementares a este, como: investigação acerca de outros fatores ligados à competência lexical; exploração da neologia semântica, aqui pouco aprofundada por razões metodológicas; e análise de outros materiais relevantes ao estudo do neologismo e da competência lexical.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. In: BIDERMAN, M. T. C. (ed.). *Alfa*: Revista de Linguística, v. 28. p. 119-126. Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3681>. Acesso em: 4 out. 2019.

\_\_\_\_\_. Neologia e níveis de análise lingüística. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 3. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 77-91

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. 7. ed. 7. Impr. São Paulo: Ática, 2004. (Princípios, 88)

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

CARVALHO, N. Neologismos, informação e criatividade. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 192-202

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

CORREIA, M.; MINEIRO, A.; ANTUNES, M.; DORIA, M.; CABRÉ, M. T. O Observatório de Neologia do Português – ONP: criação e apresentação. *Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 20, 2004, Lisboa. *Actas [...]*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2004. p. 471-82. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mcorreia-onp.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.

FERRAZ, A. P. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, C.C.; SIMÕES, D. (Org.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 146-62

HENRIQUES, C. C. O estudo do léxico e da sintaxe a serviço das aulas de português. In: HENRIQUES, C.C.; SIMÕES, D. (Org.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 106-115

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992. (Princípios, 215)

OLIVEIRA, G. Alguns possíveis neologismos do vocabulário dos têxteis e similares das Minas setecentistas. In: SILVA, J. P. (Org.). *Neologia e neologismos no Brasil: século XXI*. 2. ed. Curitiba: Prismas, 2012. p. 78-103

RIBEIRO, S. N. O léxico em movimento: comentários sobre neologia e neologismos. In: SILVA, J. P. (Org.). *Neologia e neologismos no Brasil: século XXI*. 2. ed. Curitiba: Prismas, 2012. p. 329-36

RODRIGUES, R. H.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. *Linguística aplicada: ensino de língua materna*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTOS, R. G. *Quando os neologismos criam laços sociolinguísticos: investigação sobre o uso do neologismo pelos blogueiros políticos maranhenses*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. 115f. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2088>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, M. E. B. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 142-6

SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

### ***Corpus***

VEJA. A ameaça é real. ed. 2644, ano 52, n. 30 [versão digital]. São Paulo: Abril, 24 jul. 2019.

VEJA. Justiça com as próprias mãos. ed. 2642, ano 52, n. 28 [versão digital]. São Paulo: Abril, 10 jul. 2019.

VEJA. Livrai-nos do mal. ed. 2643, ano 52, n. 29 [versão digital]. São Paulo: Abril, 17 jul. 2019.